

Superação de dificuldades diárias

Antes de ser enquadrado no Artigo 12 do Código Penal (tráfico de drogas), *Fernando*, 40 anos, morava com a esposa no Plano Piloto e era sócio do irmão em uma empresa. Morou por seis anos na Europa. Fala fluentemente inglês e francês. Dava aula de línguas para os colegas de cela e, por ser filho de classe-média e universitário, foi discriminado.

– Nem jogava mais futebol, para não haver conflito. Muitos achavam que, por causa do benefício, eu fazia o *jogo* da polícia. E alguns policiais, por inveja, talvez, nos tratavam mal. Era uma situação meio incômoda – conta *Fernando*, que hoje cumpre condicional.

Nem os professores sabiam de sua condição de presidiário. Para muitos, porém, ele foi obrigado a contar. Tinha que justificar, por exemplo, por que entregava trabalhos a mão enquanto só impressos eram aceitos.

– Também era difícil estudar, os livros da biblioteca do Núcleo são muito velhos, desa-

tualizados. E algumas vezes ainda éramos obrigados a faltar dias seguidos, pois quando havia alguma rebelião por lá, todos éramos impedidos de sair, ainda que fosse para a faculdade – lembra, contando que sempre andava com um documento com sua foto e a assinatura do diretor da prisão.

As dificuldades nos tempos de reclusão foram muitas, mas nada a ponto de fazê-lo desistir da caminhada acadêmica. O mais difícil, no entanto, eram os temidos encontros de grupo. Como explicar que não poderia ir à casa de algum colega fora do horário permitido em juízo, ou que não poderia chamá-los para uma reunião em casa? Falar ao telefone também era complicado. Fernando dizia logo para todos que fora da faculdade era “incomunicável”.

Para *Eduardo*, 29 anos, foi marcante o dia em que ele ligou para os pais da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (DTE), em 1999, quando foi flagrado com 300 selos de LSD. A mãe sabia apenas que o ra-

paz fumava maconha e teve, claro, um grande choque.

– Faltava um semestre para eu terminar o curso de Economia, mas acabei desistindo. Me formo em Direito daqui dois anos. Quero fazer um concurso público, ganhar bem. Neste tempo todo, gastei uma *grana* com advogados que não me serviram de nada – afirma *Eduardo*, hoje casado, pai de dois filhos e dono de uma loja de móveis sob encomenda, aberta com a ajuda do pai.

A família, aliás, foi a grande descoberta de quem passou pelas celas apertadas de um presídio. Sempre presentes, seja com dinheiro, incentivo ou simplesmente um ombro amigo, os parentes, segundo eles, exerceram papel fundamental na vida de quem optou por deixar a marginalidade e fazer algo construtivo.

– Nunca pensei que pudesse ser pego, mas mudei a forma de ver as coisas. Deixei as drogas e vejo que não preciso de mais amigos, pois já tenho minha família – afirma *Fernando*.